

PROTOCOLO DE ANÁLISE E ENCAMINHAMENTO DE **CASOS DE VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO ONLINE**



AUTORES:

VIKTOR CHAGAS | LETÍCIA SABBATINI
GABRIELLA DA COSTA | OTÁVIO GOMES
KARINA SANTOS

REVISÃO TÉCNICA:

REDSON FERNANDO | KARINA SANTOS

Sumário Executivo

O Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas, Políticas e Economia da Colaboração da Universidade Federal Fluminense (Colab-UFF) realizou, a convite do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS Rio), o desenvolvimento de um léxico de violência política de gênero.

Paralelamente, o ITS Rio tem trabalhado para identificação automatizada de discursos perigosos no ambiente digital, utilizando ferramentas como o Google Perspective API, inteligência artificial gratuita do Google que usa aprendizado de máquina para identificar mensagens tóxicas, a partir de critérios como rude, desrespeitoso ou irracional.

Com estes trabalhos, foi criado o protocolo de análise e encaminhamento de casos de Violência Política de Gênero Online, que visa fornecer insumos para acadêmicos, poder público e vítimas sobre como monitorar, analisar e encaminhar os casos, em busca de acesso à justiça.

Por que é importante aperfeiçoar a análise da Violência Política de Gênero Online?

A violência política de gênero online tem se tornado um fenômeno cada vez mais constante no cenário brasileiro. Jornalistas, políticas e defensoras de direitos humanos sofrem ataques no ambiente online com piadas, xingamentos e comentários vexatórios, que desclassificam, menosprezam, atacam e retaliam com adjetivos e narrativas aplicadas apenas às mulheres que ocupam estes espaços.

As vítimas acabam sendo recorrentemente afetadas pelos seus posicionamentos políticos, matérias publicadas, discursos e ações em prol da sociedade, o que, de maneira sistemática, leva ao medo, à apatia, à autocensura e até mesmo ao abandono dos espaços. Uma pesquisa realizada pela Terra de Direitos e Justiça Global identificou que [70% das ameaças sofridas por violência política em 2024 e em 2023 foram feitas por meio de redes sociais, e-mail e plataformas digitais](#). Já a pesquisa MonitorA, do Instituto AzMina, InternetLab e Núcleo Jornalismo, identificou que, na campanha municipal de 2024, [as mulheres receberam 68,2% das ofensas no 2º turno](#) e que [a violência online também atinge candidatas no interior do Brasil](#).

Os dados da campanha de 2024 se perpetuam, ao menos, desde a campanha presidencial de 2010. Ao longo destes últimos 15 anos, a violência política de gênero no ambiente online tem crescido excepcionalmente e se apresenta em novas ferramentas e linguagens.

Memos, vídeos, comentários em redes sociais ou até mesmo em mensagens privadas são artifícios para perpetuar violência contra políticos, jornalistas e defensoras de direitos humanos. Essa violência também se dá por meio da exposição de informações pessoais como fotos, endereços e dados de filhos, ou ainda em casos mais graves com ameaças que chegam pelas redes sociais e e-mails.

Durante este período, o Brasil teve casos emblemáticos amplamente divulgados. Um deles é o da jornalista Miriam Leitão, que recebe ataques constantes desde, pelo menos, 2018, em uma ação coordenada que compartilha desinformações, alegando que Miriam assaltou bancos durante a Ditadura Militar. Acompanhado da desinformação, os ataques frequentemente incluem comentários misóginos e depreciativos, com uso de palavras como “porca, facista, canalha, vigarista, mentirosa, terrorista, vagabunda”. A ex-presidente Dilma Rousseff, desde 2010, também sofre com ataques de violência política no ambiente digital que incluem desinformações sobre Ditadura Militar, acompanhadas de comentários misóginos.

Outro caso de jornalista amplamente atacada recorrentemente nas redes sociais é Vera Magalhães. Os ataques se intensificaram após um comentário do então presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2020. Uma conta falsa em nome da jornalista foi criada no WhatsApp e mensagens fraudadas foram distribuídas em outras redes sociais.

Além do fato de serem mulheres, a violência política de gênero apresenta outras faces, com viés de racismo e transfobia. Benny Briolly e Erika Hilton já receberam ameaças via e-mails por suas atuações políticas e pelo fato de serem mulheres trans. Políticas e jornalistas como Taliria Petrone, Brasília Rodrigues, Flávia Oliveira e até mesmo

a vereadora assassinada em 2018, Marielle Franco, e sua irmã - hoje ministra da igualdade racial - são alvos constantes destes ataques no ambiente digital.

É importante destacar que, quando se trata do contexto político, a violência no ambiente online não escolhe orientação política: parlamentares, vereadoras, ministras, governadoras e prefeitas de todos os espectros sofrem. Outro exemplo é a deputada Joice Hasselmann, que frequentemente sofre ataques em suas redes sociais, grande parte deles carregados de misoginia, como ofensas sobre sua aparência.

Na produção do léxico, os pesquisadores da UFF identificaram que os ataques às mulheres no ambiente digital envolvem, em sua grande parte, ações coordenadas, muitas vezes promovidas por grupos organizados, mas também por indivíduos comuns que são incitados a proclamar comentários violentos. Estas ações geram engajamento e reproduções em larga escala, o que, em muitos dos casos, dificulta o monitoramento e a responsabilização dos agentes.

Principais Achados

Os resultados mostraram que os ataques à integridade de mulheres políticas não são apenas expressões isoladas (Manne, 2019), mas frequentemente envolvem construções lexicais complexas que dificultam a identificação e monitoramento automatizado. Por exemplo, no Facebook, destacaram-se ameaças explícitas, enquanto no YouTube prevaleceram expressões associadas a temas morais e ideológicos, como corrupção e comunismo. A análise de n-grams revelou que, muitas vezes, as ofensas não se resumem a palavras únicas, mas surgem a partir de combinações de sentido entre termos que, juntos, ampliam a carga ofensiva.

A análise de co-ocorrência, por sua vez, identificou padrões semânticos que destacam como os ataques a mulheres políticas são estruturados em diferentes plataformas, evidenciando a necessidade de se compreender a violência de gênero em um contexto mais amplo e dinâmico.

O léxico analisou termos utilizados sequencialmente, na avaliação dos bigramas (dois termos sequenciais). No Instagram as dinâmicas concernente aos ataques a mulheres políticas no ambiente digital foram pouco elucidativas, uma vez que os termos combinados são genéricos e não indicam ofensividade.

No entanto, outros dados são fortemente característicos de tipos específicos de ataques, como é o caso do Facebook. Nela, nota-se a presença marcante de um tipo determinado de ofensa, a ameaça (“recebi ameaças” e “integridade física”) e de recortes racial (“parlamentares negras”) e pessoal (“talíria petrone”) muito evidentes.

No X/Twitter, embora não seja possível atestar se tratarem efetivamente de ataques, observa-se um tipo de construção muito comum em ofensas a parlamentares, com o uso de sujeito e predicativo (“vc é”, “biakicis é” e “simonetebetms é”), além de menções nominais a variadas parlamentares (joicehasselmann, maria rosário). Chama a atenção ainda algumas combinações específicas como “voltar pra”, que denotam tentativas de demarcar o lugar de mulheres, fora da cena pública (Biroli, 2016), como por exemplo “voltar pra escola” e “voltar pra lata de lixo”.

No YouTube, surgem menções à corrupção, ao governo, e ao comunismo como instância acusatória, além de um apelo à moralidade (“ter vergonha”, “vergonha cara”, “é vergonha”). Os dados embasam uma percepção de que os ataques não são capturados por palavras ou termos específicos, mas pela combinação de sentido entre eles, o que torna a experiência de monitoramento automatizada, seja por machine learning ou outro tipo de técnica de PNL, insuficiente para dar conta de todo o contexto.

Painel do Léxico de Violência Política de Gênero

Principal					
Show 100 entries		Search:			
Termo ou Expressão	Uso	Contexto	Grau de Ofensividade	Fonte	
1 deputag	@alesilva_38 Não seria uma deputag transtikok?	É usado como ofensa LGBTQfóbica	Insulto	Mapa da Violência Política de Gênero	
2 transtikok	@alesilva_38 Não seria uma deputag transtikok?	É usado como ofensa LGBTQfóbica	Insulto	Mapa da Violência Política de Gênero	
3 estude	@andrade_laide @JAM082762518 @SimoneTebetms Mu para vc querida, estude e não passe vergonha na web...	É usado para desqualificar o alvo	Invalidação	Mapa da Violência Política de Gênero	
4 Mu	@andrade_laide @JAM082762518 @SimoneTebetms Mu para vc	É usado para estigmatizar e reumanizar o	Insulto	Mapa da Violência Política de Gênero	

Showing 1 to 100 of 488 entries

Previous 1 2 3 4 5 Next

BIGRAMAS MAIS FREQUENTES POR PLATAFORMA

FACEBOOK	INSTAGRAM	X/TWITTER	YOUTUBE
recebi ameaças	allan soares	joicehasselmann	governo vc
integridade física	deste ano	joicehasselmann não	🤔
parlamentares negras	isso é	jairbolsonaro	vc apoia
talíria petrone	siga newsatual	o povo	corrupto incompetente
		maria rosário	deveria ter
		vc é pra síndica	socialismo comunismo
		abrir sigilo	ter vergonha
		simonetebetms é	vergonha cara
		biakicis é	vi vc
		tá lugar	é corrupto
		deus é	é vergonha
		vai abrir	
		inveja mata	
		votaram contra	
		e vc	
		vc vai	
		estuprador assassino	
		voltar pra	
		jairbolsonaro	
		mfriasoficial	
		é bem	

Por isso, é fundamental desenvolver mecanismos mais eficientes para a averiguação da violência política de gênero no ambiente digital. Esses mecanismos devem incluir ferramentas e métodos que facilitem a identificação e o tratamento de conteúdos, assegurando a responsabilização efetiva de indivíduos e grupos que perpetuam essas violências. No entanto, também é essencial garantir a análise humana ao longo de todo o processo, pois a violência política de gênero apresenta características conceituais distintas, que variam conforme a plataforma e o perfil do alvo das agressões. Acreditamos que a combinação de métodos automatizados com a expertise humana seja a abordagem mais eficaz para lidar com essa complexidade. Enquanto os métodos automatizados permitem a triagem rápida e a detecção de padrões em larga escala, a análise humana é indispensável para contextualizar e interpretar nuances que algoritmos podem não captar. Essa complementaridade é essencial para evitar falsas classificações e garantir que a moderação de conteúdos e as ações de responsabilização sejam justas e eficazes.

Além disso, é necessário um esforço contínuo para aprimorar essas ferramentas, considerando os desafios específicos que surgem em diferentes plataformas e contextos sociopolíticos. Isso inclui o desenvolvimento de bases de dados mais representativas, a capacitação de moderadores e especialistas, e a formulação de diretrizes claras para lidar com a violência política de gênero no ambiente digital.

Pegabot: Protocolo de análise e encaminhamento de casos de violência política de Gênero Online

1. Identificação rápida e eficaz dos casos.

A identificação célere e precisa dos casos de violência política de gênero online é fundamental para a tomada de medidas corretivas. No Pegabot, temos atuado com o suporte em capacitações sobre resiliência cibernética, com o objetivo de ajudar as vítimas a anteciparem momentos e situações em que os ataques possam se intensificar. Além disso, contamos com um canal de apoio no qual as vítimas podem recorrer ao projeto para obter assistência direta e orientação. No entanto, acreditamos que atuação institucional é essencial, inclusive destacando a necessidade de criação de um canal oficial para o recebimento desse tipo de denúncia.

2. Coleta de evidências.

Após a identificação do ataque, é essencial que as evidências sejam coletadas de maneira adequada, garantindo sua validade judicial. As vítimas devem estar preparadas para utilizar ferramentas que permitam salvar comentários, vídeos e e-mails do ambiente online de forma segura, empregando certificados (hashes) que assegurem a autenticidade das evidências. No Pegabot, utilizamos a plataforma [Verifact](#), que auxilia na coleta e verificação dessas evidências, garantindo sua integridade e aceitação no âmbito legal.

3. Coleta de dados.

Em situações em que há um volume massivo de ataques, especialmente nos comentários das redes sociais, é crucial realizar a coleta de dados nas plataformas mais relevantes, como X (Twitter), Facebook, Instagram e TikTok. A coleta é feita por meio de links específicos relacionados aos casos, bem como por buscas gerais utilizando termos relevantes para cada plataforma. Essa abordagem assegura que todas as evidências pertinentes sejam capturadas de maneira eficiente e organizada.

4. Avaliação do nível de toxicidade.

Quando o volume de dados ultrapassa uma quantidade considerável para análise humana, utilizamos ferramentas automatizadas que auxiliam na triagem dos dados. A primeira delas é a Perspective API do Google, que classifica os comentários com base em cinco valores analíticos, com ênfase no valor de toxicidade. Essa classificação permite ordenar as mensagens, priorizando as mais tóxicas e facilitando a identificação das mensagens de ataque direcionadas a indivíduos. Dentro do Pegabot, estamos desenvolvendo, em parceria com a Universidade Federal da Bahia, uma ferramenta de inteligência artificial brasileira que promete maior precisão do que a Perspective API para este tipo de análise.

5. Uso do léxico.

Além da avaliação automatizada de toxicidade, em casos de violência política de gênero, aplicamos um léxico especializado para complementar a análise humana. O léxico é usado para filtrar as mensagens, identificando de forma mais precisa aquelas que contêm ataques evidentes relacionados ao gênero. Esse processo busca padrões linguísticos similares aos ataques anteriores, permitindo uma identificação mais ágil. No entanto, é necessário que este instrumento seja constantemente atualizado para incorporar as novas narrativas dos ataques. Por isso, o léxico criado pelos pesquisadores da Universidade Federal Fluminense é o primeiro passo para auxiliar na identificação de violência política de gênero online de forma mais rápida.

6. Elaboração do relatório.

Com os dados filtrados e analisados, recomendamos que seja elaborado um relatório detalhado para cada caso. Esse relatório inclui uma contextualização completa do ataque, abordando o contexto em que ocorreu e suas características principais. No documento também devem ser apresentadas as mensagens mais ofensivas, acompanhadas de seus respectivos links. O relatório pode incluir análises mais abrangentes ou específicas, com base nos dados coletados, oferecendo uma visão detalhada sobre a natureza e a gravidade do ataque. Este também é um produto que o projeto Pegabot disponibiliza para as vítimas.

7. Acesso à justiça e apoio legal.

É crucial garantir que as vítimas tenham acesso à justiça e possam contar com o suporte de autoridades competentes, como a Polícia Federal. Por isso, faz-se necessária ações conjuntas de orientação técnica e apoio jurídico para que as potenciais vítimas acessem os canais apropriados para denúncias e ações legais. Observamos ainda a necessidade de capacitações dos agentes policiais para o entendimento da gravidade deste tipo de ataque. Essa conexão com a justiça é fundamental para o enfrentamento da violência política de gênero online e para assegurar que as vítimas tenham acesso à reparação e proteção.

Resumo da metodologia do léxico

Produzido pela UFF, o léxico apresenta aproximadamente 500 termos e expressões que caracterizam a violência política de gênero em âmbito discursivo nas plataformas digitais. Ele oferece um exemplo típico de uso para cada expressão, sua contextualização e uma classificação em cinco graus de ofensividade possíveis: crítica, insulto, invalidação, ameaça e discurso de ódio. O objetivo é fornecer um recurso que contribua para o entendimento e combate a esse tipo de violência nas plataformas digitais, especialmente em um contexto de hostilidade contra mulheres em espaços de atuação pública e política (Krook; Sanín, 2016; Bardall, 2018). Os resultados do léxico mostraram que os ataques à integridade de mulheres políticas não são apenas expressões isoladas (Manne, 2019), mas frequentemente envolvem construções lexicais complexas que dificultam a identificação e monitoramento automatizado. Por exemplo, no Facebook, destacaram-se ameaças explícitas, enquanto no YouTube prevaleceram expressões associadas a temas morais e ideológicos, como corrupção e comunismo. A análise revelou que, muitas vezes, as ofensas não se resumem a palavras únicas, mas surgem a partir de combinações de sentido entre termos que, juntos, ampliam a carga ofensiva. A análise de co-ocorrência no léxico, por sua vez, identificou padrões semânticos que destacam como os ataques a mulheres políticas são estruturados em diferentes plataformas, evidenciando a necessidade de se compreender a violência de gênero em um contexto mais amplo e dinâmico. Assim, a dinâmica dos ataques é multifacetada e vai além de simples ofensas verbais, abrangendo estratégias coordenadas e ações de deslegitimação.

Para construção do léxico, partiu-se de uma base original de 462 URLs publicadas entre 18 de agosto e 30 de outubro de 2022. O material foi levantado a partir de um monitoramento diário por meio do serviço de notificação de alterações em conteúdos online Google Alerts. Buscou-se as expressões “violência política contra a mulher”, “violência política contra as mulheres” ou “violência política de gênero”. O passo seguinte, então, foi o de classificar os conteúdos indexados. Na fase final do levantamento, todas essas notícias foram lidas e termos e expressões ofensivas mencionadas foram selecionadas para compor o léxico. A partir dessa metodologia inicial, foi possível mapear termos e expressões ofensivas, o contexto no qual foram acionados, e seu grau de ofensividade (Sabbatini et al., 2023). A partir deste primeiro levantamento, outras expressões foram também agregadas, incluindo-se um breve léxico de emojis, que são fartamente mobilizados neste tipo de ataque.

Mais informações sobre a metodologia.

Acesse o léxico de violência política de gênero aqui

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS PARA ELABORAÇÃO DO LÉXICO

Hatebase
Weaponized Word
Hate Speech Lexicons (PTL)
Gender-based Violence Glossary (Canada)
“Tempestade Ideológica” (Prado, 2021)
Dicionário de Expressões Machistas (Câmara Municipal de Piracicaba)
MonitorA (AzMina, InternetLAB e Núcleo Jornalismo)
Cartilha Sobre Violência Política (MPF)
“O léxico da violência contra a mulher...” (Bomfim, Jesus e Gonçalves, 2021)
“Neologising misogyny...” (Ging, Lynn e Rosati, 2019)

Conclusão

O monitoramento da violência política de gênero, portanto, enfrenta o desafio de lidar com ataques que ocorrem de formas sutis e, usualmente, em combinações lexicais complexas, com vocabulários ambíguos, sistemas de codificação e metáforas ou observações supostamente jocosas ou despretensiosas, que dificultam a detecção por sistemas de análise automatizada.

Assim, o protocolo desenvolvido é um primeiro passo importante para mapear e compreender esse tipo de violência, fornecendo uma base para o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas capazes de identificar e categorizar ataques em suas múltiplas formas. No entanto, ele é ainda insuficiente como mecanismo de detecção integral e holístico de todas as formas de expressão de violência política de gênero em plataformas digitais.

Dessa forma, o presente estudo oferece uma estrutura inicial para a identificação e classificação dos tipos de ofensas direcionadas a mulheres em ambientes online, mas é fundamental que futuras pesquisas e ações considerem também a dinâmica e a evolução constante da linguagem utilizada nesses espaços.

Além disso, a variedade de plataformas digitais investigadas no estudo demonstra que a violência política de gênero não é um fenômeno exclusivo de uma única rede social, mas um comportamento disseminado que assume diferentes características.

Finalmente, para que o combate a essa violência seja efetivo, é necessário um esforço contínuo de atualização e aprimoramento do léxico, incorporando novos termos, expressões e formas de agressão que surgem à medida que o contexto digital e político se transforma. Somente com um olhar atento e adaptável será possível acompanhar as mudanças nas estratégias de perpetuação dessa violência.

Referências Bibliográficas

BIROLI, F. Political violence against women in Brazil: expressions and definitions. *Revista Direito e Práxis*, v. 7, n. 15, p. 557-589, 2016.

KROOK, M. L.; SANÍN, J. Género y violencia política en América Latina: Conceptos, debates y soluciones. *Política y gobierno*, v. 23, n. 1, p. 127-162, 2016.

MANNE, K. *Down girl: The Logic of Misogyny*. Londres: Penguin, 2019.

SABBATINI, L.; CHAGAS, V.; MIGUEL, V.; REZENDE, G.; DRAY, S. *Mapa da Violência Política de Gênero em Plataformas digitais*. Niterói: coLAB/UFF, 2023. 60 p. (Série DDoS Lab). doi: 10.56465/ddoslab.2023.002

SAIBA MAIS EM:

defesadigital.pegabot.com.br